



Ruído na linha

Miro Teixeira ainda procura brechas para entrar na Justiça contra aumento das teles. Pág. 6

Máximo desempenho

Recordes das exportações chegaram ao limite, diz Furlan. Página 9



E & THE WALL STREET JOURNAL AMERICAS Economia

TERÇA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 2003

BC reduz previsão de crescimento do País a 1,5%

Divulgação

Índice é o mesmo do ano passado, e adia 'espetáculo do crescimento' prometido pelo governo Lula

SHEILA D'AMORIM

BRASÍLIA – Ainda não será em 2003 que o País verá o “espetáculo do crescimento” anunciado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O Banco Central (BC), que já havia previsto crescimento de 2,8% em dezembro do ano passado e de 2,2% em março, reduziu novamente suas previsões. Pelas contas do BC, mesmo convivendo com uma inflação de 10,2% este ano – bem maior do que a meta ajustada de 8,5% fixada pelo governo em janeiro –, a economia deverá crescer apenas 1,5%, o mesmo índice verificado no ano passado, quando o Brasil enfrentou a maior crise de confiança da história recente.

Num cenário mais otimista, que leva em conta uma redução forte dos juros no último trimestre do ano, projetada por analistas de mercado, e também uma taxa de câmbio mais desvalorizada, o crescimento, ainda assim, ficaria em 1,8% neste ano. É uma taxa bem menor do que a prevista pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) para outras economias emergentes. O Chile, por exemplo, deverá crescer 3,1% este ano, segundo o Fundo. Para a Argentina, a previsão é de 3%, para o México, 2,3% e para Rússia, 4%.

Apesar dos números desanimadores para o Brasil, que constam do relatório trimestral de inflação divulgado ontem, o diretor demissionário de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn, afirma que as bases para a retomada do crescimento num futuro próximo estão asseguradas. “As condições estão sendo criadas não só para a redução da inflação, mas também para a retomada do crescimento”, afirmou. Ele destacou que o governo mantém o compromisso com o ajuste fiscal, o déficit externo está

em torno de zero e deverá encerrar o ano em 0,9% do Produto Interno Bruto (PIB), a inflação começa a convergir para a trajetória desejada pelo governo e as reformas de que o País precisa estão sendo encaminhadas. Ainda assim, argumenta o diretor, não dá para definir o momento exato da tão esperada virada.

“Não tem um dia D, um dia específico. Estamos construindo as condições para o crescimento.” Por isso mesmo, Goldfajn, que deixa o governo hoje, após quase três anos à frente da diretoria de Política Econômica, prefere não fazer previsões para 2004. Na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), a previsão do governo é de um crescimento de 3,5% no ano que vem.

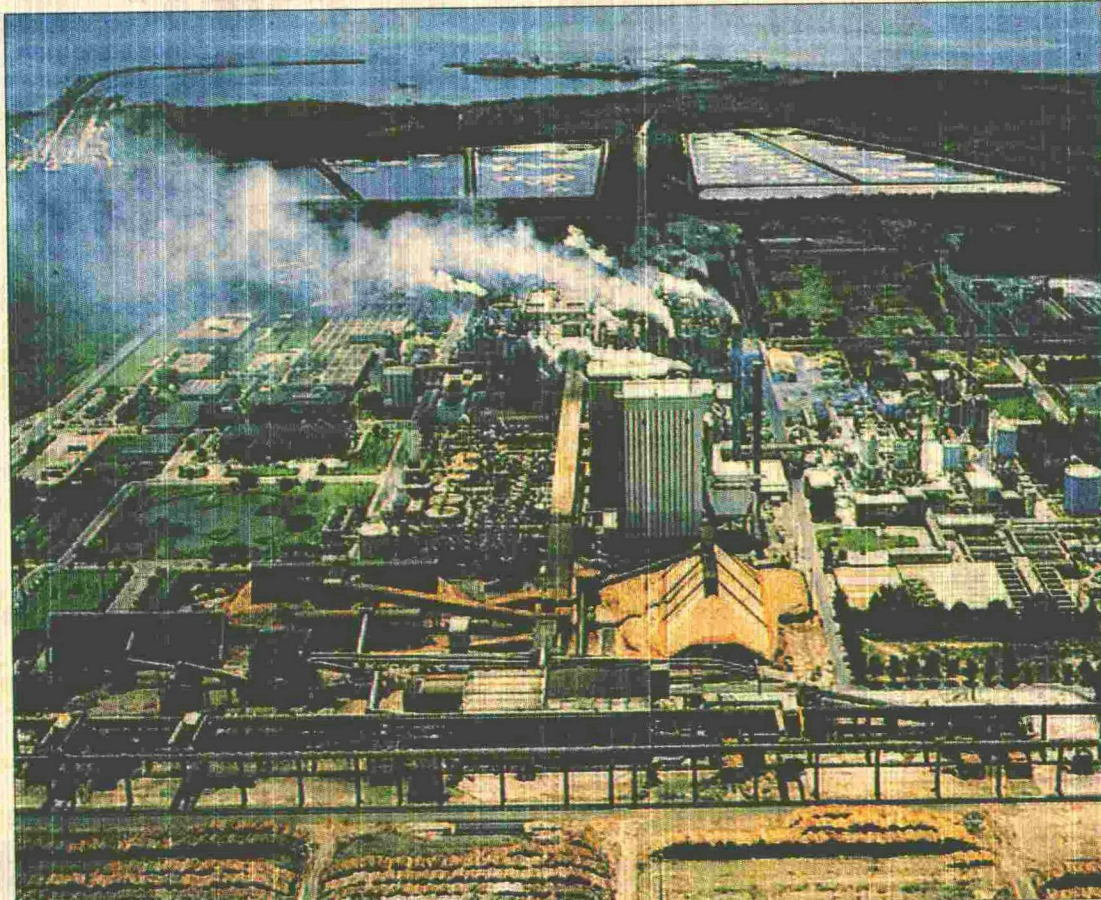
Segundo o diretor do BC, ao contrário do que aconteceu no ano passado, o crescimento em 2003 não será puxado exclusivamente pelas exportações. De acordo com o relatório trimestral de inflação, “a contribuição do setor externo para o crescimento econômico em 2003 de-

verá continuar sendo positiva, apesar de em menor grau que em 2002”. Os técnicos do BC destacam que, já no primeiro trimestre deste ano, as exportações “não contribuíram com a mesma intensidade para o crescimento da de-

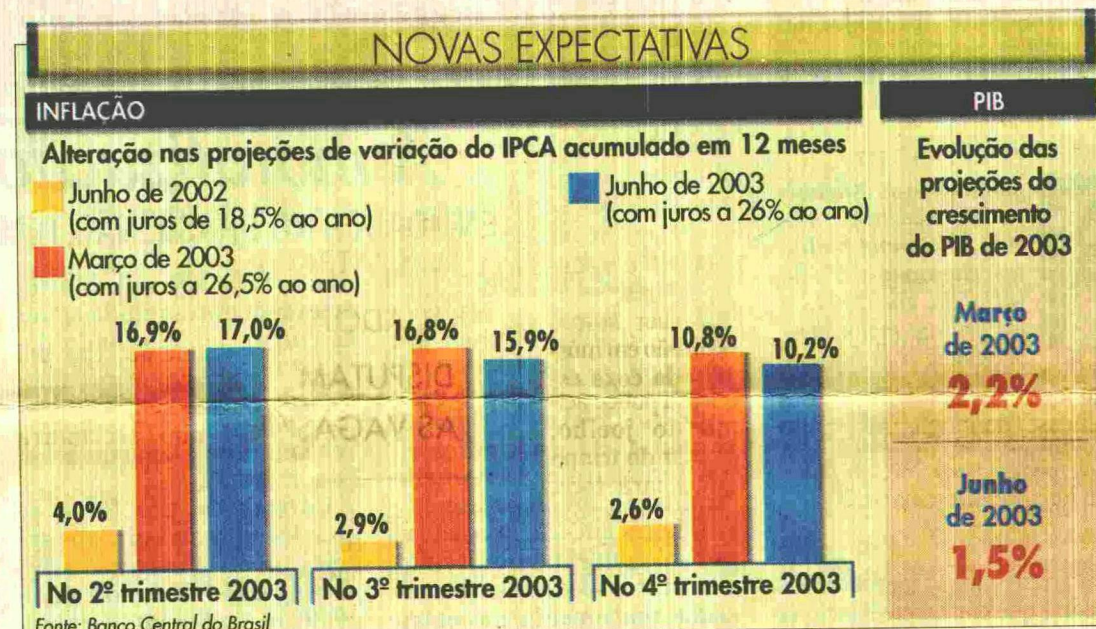
manda agregada”. Isso porque, apesar do saldo comercial previsto para este ano, de US\$ 17,5 bilhões, ser maior do que os US\$ 13,1 bilhões de 2002, as taxas de crescimento das exportações nos próximos meses deverão ser inferiores à do segundo semestre de 2002.

Goldfajn aposta na retomada do consumo no segundo semestre do ano e também do aumento dos investimentos de alguns poucos setores que já operam no limite da capacidade instalada. De acordo com o relatório de inflação, dos 21 gêneros da indústria de transformação, apenas três ultrapassaram o nível de 90% de utilização da capacidade instalada, “sendo eles metalurgia, papel e papelão e borracha – setores mais ligados à exportação”.

Nessa situação, espera-se que



Fábrica de celulose da Aracruz: setor de papel e papelão é um dos que devem retomar investimentos



os empresários mantenham o pé no freio neste ano em relação a investimentos. “Primeiro vem o consumo, depois o investimento. Alguns setores devem esperar um pouco para investir, mas o consumidor, hoje, já se mostra mais otimista em relação ao futuro do que estava no passado”, argumenta o diretor, ressaltando que isso se deve em boa parte à redução das projeções de inflação.

Meta ajustada – Segundo Goldfajn, considerando as taxas de juros e de câmbio

projetada pelo mercado financeiro, de 21,8% e R\$ 3,21 por dólar, respectivamente, a inflação em 2003 ficará em 10,8%, acima dos 10,2% do cenário base do BC, que leva em conta juros constantes de 26% e câmbio a R\$ 2,85. Em ambos cenários, no entanto, os cálculos do governo mostram que o índice que serve de referência para o regime de metas de inflação (IPCA) está cada vez mais distante da meta ajustada de 8,5%.

Com isso, 2003 será o ter-

ceiro ano consecutivo em que o Brasil não cumprirá a trajetória traçada para inflação. Ainda assim, Goldfajn prefere dizer que a meta de 8,5% é “ambiciosa” a admitir que o governo atualmente está mais preocupado com 2004 e já teria abandonado a meta deste ano. “Não vou dizer que abandonamos a meta de 8,5%. Reconheço que a projeção está acima e também que estamos olhando para 2004. Ela é uma meta ambiciosa, mas não é impossível”, afirmou.